- O comportamento dele estava estranho na noite em que Perina foi morta?

- Não.

- Normal?

- Igual às outras noites.

- Perina foi morta há duas noites. Ele não voltou?

- Não. Não abri a casa.

- Já temos um dossiê.

- Que dossiê?

- Sujeito estranho, tem aparência suspeita, anda sozinho, bebe, frequenta bordéis e fica olhando as mulheres, principalmente os casais que vão para os quartos mas não vai com nenhuma para um quarto. Tipo um maníaco.

- Ele pode ser um psicopata sexual, não pode?

- Pode.
- Meu Deus. Tenho medo. Que horror. Pobre Perina. Nunca mais vou esquecer dela. Só penso nela.
- Calma.
- E no horror da morte dela.
- O sujeito esteve aqui na noite em que Perina foi morta e saiu antes dela.
- O horror da morte.
- Ele deve ter visto ela sair na mesma hora outras noites.
- Não sei. Não lembro.
- Pode ter seguido ela nessa noite. Ficou esperando numa esquina. Perina tinha o costume de fazer isso?
- Sair de madrugada?
- Tinha?
- As garotas aqui são um pouco imprevisíveis.

- Não quer dizer que são meio doidas, não é?

- Recebem um telefonema no meio da madrugada de algum cara e vão para a rua se encontrar com ele.

- Pode ser uma armadilha.

- Pode.

- A escolha de Perina pode ter sido casual. Alguém reparou se o suspeito andava de carro? Vinha de carro? Ou pegava táxi, alguma coisa?

- Acho que ninguém sabe nada da vida dele depois que saía por aquela porta ou antes de entrar. Não parecia rico e acho que não tem carro nem anda de táxi. Mas é só uma opinião.

- Está certo.

- Quer saber de uma coisa, detetive?

- Pode falar.

- Sinto todas as garotas como se fossem minhas filhas. Acabo de perder uma, brutalmente assassinada. É coração de mãe sangrando, detetive. E apertado, eu tenho medo. Tenho outras filhas. Todas ameaçadas de morte por esse bandido.

Lavelle não disse nada. Dizer o quê? Ele fez uma pausa.

- Vou precisar de um favor.

- Claro. Tudo que eu puder fazer – respondeu Antoniete, emocionada.

- Conversa com as garotas, vê se consegue apurar seja o que for. E procura descobrir quais delas repararam mais nele. Você mesma não reparou muito não, não é?

- É, não reparei, não.

- Descobre quem reparou. E vou querer umas duas ou três na delegacia para fazer um retrato falado.

- Eu vou fazer isso, Lavelle. Muito obrigada por estar cuidando disso... esse assunto, coisa terrível. Eu estou transtornada. Todas as garotas estão em estado de choque. Elas são irmãs umas das outras, quer saber como é?

- Eu acredito.

- Que coisa horrível, meu Deus do céu! Desespero, agonia, parece que eu vou morrer, também. O que eu vou fazer?

- Calma. – Lavelle se inclinou por cima da mesa e pôs uma mão amiga no ombro de Antoniete para confortá-la. – Tenha calma. Eu sei que é difícil. É doloroso. Eu também sinto.

Antoniete fungou e não disse nada.

- Liga para mim quando tiver alguma coisa. Por favor.
- Vou ligar.
- Quer que eu volte aqui?
- Eu ligo.
- Toma meu telefone.

Deu o telefone. Celular e da delegacia.

- Eu noto seu empenho. Fico comovida.
- Liga e nós combinamos um horário.
- Certo.
- Tem mais, Antoniete.
- O que é?
- Conversa com todas as garotas e tenta descobrir o que puder sobre a vida particular de Perina. Uma ou outra

pode ter informação. Você pessoalmente sabe de alguma coisa?

- Nada importante. Era uma garota como as outras.

- Relacionamentos, tudo isso. Ninguém mais vinha procurar por ela? Digo, com uma certa frequência. Talvez até um cara suspeito. Outro.

- Não que eu saiba. Não lembro de nada disso.

- Hábitos.

- Vou me interessar.

- Locais frequentados. Aonde ela ia.

- Certo.

- Com quem andava, aonde ia, o que fazia.

- Eu sei.

- Fala com as garotas. E descubra o que puder. Talvez uma tenha

informações. Uma informação pode ser uma pista.

- Eu vou fazer isso, Lavelle.
- Uma pista pode solucionar um crime.
- Só não traz Perina de volta.

O detetive olhou com ar grave a cafetina.

- As outras ainda estão aqui – disse.
- O que quer dizer?
- Não deixe nenhuma outra sair daqui sozinha no meio da noite.
- Não vou deixar.

O detetive Lavelle terminou de tomar o conhaque e pouco mais tarde se despediu de Antoniete e saiu do lupanar.

* *

Capítulo 3

Entendeu-se que três das garotas repararam mais no suspeito do que as outras, inclusive a dona da casa. E estas três foram à delegacia e procuraram descrever o melhor possível o indivíduo em questão. Dois técnicos da polícia, trabalhando com computadores, em poucos minutos tinham o retrato falado do suspeito. Muitos criminosos foram presos no mundo todo graças aos retratos falados. Com os computadores a técnica ficou quase perfeita.

Há muitos anos a ciência e a tecnologia ajudam a desvendar crimes e prender os criminosos. Em 1910 o rádio era uma novidade. E graças ao rádio a polícia prendeu Hawley Harvey Crippen, um dentista americano de 50 anos que

assassinou a mulher em Londres, a bordo de um navio quando fugia com a amante Ethel Le Neve, de 27 anos. Os lances cinematográficos desse caso policial renderam vários filmes. Crippen envenenou a mulher, uma polonesa de nome Belle, desmembrou o corpo, queimou os ossos e enterrou a carne em diversos embrulhos no porão da casa dele em Camden Town, na zona norte de Londres. E contou a todos que a mulher tinha viajado para a América. Mais tarde, Ethel já morava na casa, como secretária dele, informou aos vizinhos que Belle tinha morrido nos Estados Unidos. Os vizinhos suspeitaram e chamaram a polícia. A polícia revistou a casa e encontrou o corpo picado em pedaços. Crippen tinha fugido para a Bélgica. Ele viajou no navio “Montrose”, comandado pelo capitão Kendall, que desconfiou dos

Robinson, pai e filho, passageiros da primeira classe. Ele sabia que a polícia perseguia Crippen e percebeu que Robinson pai tinha raspado o bigode e viu no nariz dele marcas de óculos mas não os óculos e ele passeava no convés de mãos dadas com o filho. O filho tinha modos femininos. Kendall entrou na cabine dos Robinson e descobriu que o Robinson filho era mulher, como suspeitava. Então ele falou por rádio com a Scotland Yard. O inspetor Walter Dew embarcou em Liverpool no "Laurentic", navio mais veloz, e na costa canadense subiu a bordo do "Montrose" disfarçado de piloto. Prendeu o assassino. O capitão Kendall informou que Crippen elogiou o rádio, disse que era uma "invenção notável". Ele ouviu do convés o barulho da transmissão. Ele acabou enforcado. Ethel não foi

condenada. E o inspetor Dew escreveu suas memórias, com o título, “Eu peguei Crippen”.

- Se tirassem um retrato dele não ficava mais parecido – comentou uma das garotas.

Bem, elas fizeram a parte delas. E voltaram para casa. Fizeram a parte delas na delegacia. Ainda havia muito trabalho para elas no mundo. Atender os clientes, suportar e tentar superar a dor de ter perdido a companheira e amiga, Perina, assassinada provavelmente por um maníaco, lutar contra o medo de serem as próximas vítimas. E uma infinidade de outros problemas que todos os seres humanos enfrentam diariamente em suas vidas.

A polícia começou o trabalho dela. Procurar o suspeito. Cópias do retrato falado foram distribuídas em todo

o bairro onde se situava o bordel de Antoniete e adjacências. E em muitos outros lugares.

Alguns outros detetives participaram das buscas. Lavelle Ottoni não estava sozinho.

Alguns policiais costumavam se indignar com esses assassinatos bárbaros e covardes de mulheres. Outros perderam a sensibilidade com o passar dos anos, embrutecidos pela própria violência na qual viviam, uma espécie de anestesia que dava neles. É uma defesa instintiva do ser humano. “Ou eu endureço ou eu quebro”, parece pensar o ser humano, posto à prova. E alguns quebram mesmo – se não endurecem. Há um tipo de pessoas que não resiste a um sofrimento muito intenso, a provações muito amargas e rigorosas. Algumas

pessoas são levadas ao suicídio pela dor, pela pura dor.

Lavelle Ottoni era do tipo durão e sensível ao mesmo tempo. Às vezes tinha dificuldade em fazer seu trabalho.

Havia outros bordéis e também boates frequentadas por prostitutas, algumas delas ainda faziam o "trottoir" na rua, nas esquinas, "rodavam bolsinha", como se diz e todos esses lugares na medida do possível foram postos sob vigilância pela polícia. Temia-se que o assassino voltasse a atacar uma prostituta. Podia ser um maníaco. Se fosse o suspeito da casa de Antoniete era-o, com certeza.

Ao cabo de uma semana de buscas trabalhosas o suspeito não foi encontrado. Alguns indivíduos que correspondiam à descrição foram presos mas logo soltos por falta de provas ou

reconhecimento por parte das testemunhas. Ninguém forneceu informações.

E o pior aconteceu. O que ninguém queria que acontecesse.

Há um temor. Mas há uma esperança. O temor estava certo e a esperança foi um erro.

* *

Não deixa de ser intrigante e até em certa medida surpreendente a diversificação a que se submeteu a humanidade no decorrer das idades. Acredita-se que isto se deva fundamentalmente a ser a espécie humana a única que consegue sobreviver

em praticamente todas as regiões do globo. E há diferenças marcantes entre a cordilheira dos Andes, por exemplo, e o deserto de Saara, daí que os beduínos árabes mortos de sede no deserto enquanto seus camelos têm 100 litros de água na barriga sejam tão diferentes dos índios bolivianos que mascam pacientemente, como uma vaca ruminando, a 4000 metros e até mais acima do nível do mar, a folha da coca para aguentar a vida. Os seres humanos são muito dissímeis entre si. Numa boiada as vacas e os bois se parecem muito mais uns com os outros. Numa criação de gado nelore para corte, vamos supor, você praticamente não distingue os garrotes uns dos outros. E não é só uma questão de aparência física, é também de temperamento. Todos os

garrotes querem o mesmo. Pastar e cobrir as vitelas.

A prostituta Perina, que foi assassinada, tinha 1,67m de altura, pele morena, cabelos pretos, uma morena vistosa, de carnes firmes, de formas harmoniosas, saudável, bonita e sensual. Já Fabíola era o contrário disso – quase só tinham em comum o fato de serem mulheres e prostitutas. Perina era extrovertida, ainda que reservada, falava pouco mas sabia ser amável e sorrir com frequência, conforme os depoimentos, e Fabíola já começava a ficar amarga.

Fabíola tinha 27 anos. Vivia em uma favela. E fazia trottoir na rua. Há cinco anos ela conheceu um rapaz bonito, um rapaz rico que quis fazer amor com ela. Ela foi. E nasceu uma menina linda, a quem o pai jamais viu, a quem ele jamais deu um níquel. A

menina se chamava Tayná, era loirinha, magrinha, muito bonita, uma criança encantadora e Fabíola dizia dela, rindo de felicidade, “É tudo que eu tenho”. Quase se podia dizer que Fabíola vivia para a filha de quatro anos Tayná. Filha de um pai ausente.

Fabíola era uma mulher de vida livre desde muito nova. Teve muitos homens, e logo começou a se prostituir. E às vezes pensava nos homens e dizia a si mesma, “Já gostei mais de trepar do que gosto atualmente”. É claro que se referia aos amantes, e não aos michês. Trepar com os michês era o que havia de mais detestável, “Chega a ser abominável, ô coisa chata”, dizia. Ainda tinha amantes. Na atualidade tinha um, mais ou menos fixo, dizia que era seu namorado. Ele quase não dava nada a ela. E devia ser um sujeito bem

ordinário, pois sabia que sua amante se prostituía para ganhar a vida e sustentar a filha e pouco estava ligando. E Fabíola era uma sem-vergonha, reconhecia, por se submeter a esse estado de coisas. Devia tomar vergonha na cara. Mas o que podia fazer?

Ela era uma loira baixinha, de pele clara, tinha 1,58m. E começava a engordar. Começava a ficar disforme. Não era lá essas coisas em matéria de beleza, mas claro que possuía seus encantos. Há dois anos atrás era muito mais bem paga por seus favores sexuais. E nos últimos tempos fazia uns michês humilhantes, tão irrisórias eram as quantias que lhe pagavam os homens para ir para a cama com ela. Era isso ou nada.

E já tinha uma porção de doenças. Apesar de gorda sofria de uma

anemia persistente, que não podia tratar e se assustava ao ver seu rosto pálido no espelho, de lábios descorados, a parte de dentro de suas pálpebras era quase amarela, de vez em quando examinava, no espelho. E outras doenças, dores daqui, dores dali, problemas nos rins, banha na barriga. Tinha um negócio nos dentes, os incisivos superiores escurecendo. Os dentes dela eram pequeninos.

Fabíola chegou a pensar em suicídio. No entanto a filhinha Tayná não permitiria que isto acontecesse, ainda que não soubesse que a mãe pensou em se matar. Fabíola simplesmente não se mataria enquanto Tayná vivesse. Uma loirinha linda, de quatro anos. A menos que resolvesse dar veneno a todas duas.

De súbito, Fabíola se deu conta de que havia ficado muito sozinha. Olhou em volta, em todas as direções. Não viu ninguém. Só avistava ruas vazias, e escuras, becos desertos, mal iluminados, esquinas suspeitas. Sem perceber veio parar nesse lugar, onde não havia ninguém. E veio justamente em busca de movimento, veio andando pelas ruas à procura de gente, possíveis fregueses, alguma colega, mas com o pensamento longe e fez o contrário do que queria, veio parar num lugar onde não havia ninguém. E ocorreu um outro fenômeno, ela achou. Não só ela veio vindo na direção errada, veio se afastando dos lugares onde ao menos em tese sempre poderia haver movimento e chegou a esse, parecia um poço escuro, um buraco vazio, não só ela veio como as pessoas foram, as poucas pessoas que

ainda transitavam na rua foram se retirando e ela não percebeu, imersa em seus pensamentos, com o pensamento distante. Quase todo o tempo pensava em Tayná. Sua filha não gostaria de saber o que a mãe fazia para dar comida a ela.

Sentiu medo. E procurou imediatamente se orientar e se afastar daquele lugar deserto e perigoso o quanto antes. O Rio se tornou um matadouro, nos últimos tempos. Sair à noite no Rio, enfrentar as ruas do Rio de madrugada era suicídio, ela era louca. “O que sua mãe não faz para te dar comida, minha filha”, teve esse pensamento.

Calculou as horas. Entre duas e três horas da madrugada, achou. Normalmente ela procurava tomar um ônibus e voltar para casa mais cedo, bem antes de duas horas, se possível, ao

menos antes de duas horas. Ainda havia muitos ônibus em circulação até essa hora, uma e pouco, por aí. A partir desse horário começavam a escassear. Não tinha dinheiro para tomar táxi e não passava táxi. Entre duas e quatro horas da madrugada não era um bom negócio tentar tomar um ônibus. Sempre passava algum, mas eles demoravam, às vezes o que passava não servia, ia para outro lugar que não o destino dela. O melhor era esperar até quatro horas e o movimento dos ônibus voltava a aumentar, levando trabalhadores para as fábricas. Em algumas ocasiões isso aconteceu e ela perdeu a hora por não ter noção do tempo. Mas muitas vezes ficou de propósito, por não ter feito nenhum michê, e precisava fazer ao menos um e levar um pouco de dinheiro para casa.

Nessa noite foi o que aconteceu. Mal tinha o dinheiro da passagem de ônibus para voltar para casa.

Começou a andar pelas ruas desertas e silenciosas, monturos de lixo por toda parte, o mau cheiro do lixo e dos bueiros entupidos, buracos nas calçadas e nas ruas, prédios velhos caindo aos pedaços e grande quantidade de terrenos baldios, como veio parar nesse lugar? Assustou-se ainda mais e apertou o passo. Sentiu que não sabia em que direção caminhar, desorientou-se, não sabia mais para onde ir. Apurou os ouvidos tentando escutar ruídos de tráfego. Não ouviu nada. Só cães latiam e gatos miavam.

Enquanto andava, já trêmula de medo, sentindo um frio por dentro, começando a aterrorizar-se, a sentir um princípio de pânico, Fabíola olhava em

todas as direções, tentava olhar nos becos e esquinas mas não enxergava nada, poços de escuridão. E nem no céu havia luz, sem lua nem estrelas, uma coisa preta lá no alto, meio cinzenta por causa da poluição. Agora queria que não aparecesse ninguém, não queria mais ver ninguém, tinha certeza de que se aparecesse alguém não seria para o bem, não seria nenhum michê e nem colega de trabalho ou operário indo para o serviço. Seria o mal. Bandido, assaltante.

Fabíola olhava muito para trás, andando bem ligeiro, a essa altura, já quase corria. E foi numa dessas vezes em que olhou para trás que avistou o vulto. Seu sangue gelou nas veias e ela não acreditou. Firmou a vista. Desejou com todas as suas forças, do fundo da sua alma transida de medo que tivesse se

enganado, não havia ninguém. Mas não se enganou. Havia alguém.

Fabíola avistou um vulto a uma certa distância – a duas esquinas. Contudo o indivíduo caminhava mais ligeiro do que ela, por uma calçada, junto às sombras das paredes e por isso não o via direito, mas via, dava para ver, podia saber que ele vinha e se não apertasse também o passo ele a alcançaria. Não teve dúvida de que ele a iria atacar. E sentiu um medo mortal. Quase não teve mais forças para andar, o medo ameaçava imobilizá-la.

Seja como for fez um esforço, um enorme esforço. Pensou em Tayná, concentrou nela seu pensamento. E logo depois de ter-se limitado a apertar o passo começou a correr. Dentro de instantes corria disparada pelas ruas, cabelos soltos ao vento, como uma

louca, o medo, o terror apertando seu coração como as garras de um urso. E começou a gritar, a pedir socorro.

- Socorro! Socorro!

Fabíola correu bastante. Correu até ficar sem fôlego e perder as forças e ficou rouca de tanto gritar. Ninguém a veio socorrer. E o indivíduo que a perseguia a alcançou com facilidade.

Fabíola deu o último grito, foi um grito estranho. Ela já estava fora de si, enlouquecida pelo pavor.

- Socorro, Tayná, minha filha! – foi o que ela gritou.

O assassino não teve piedade.

Fabíola foi assassinada da mesma maneira que Perina. Esfaqueada até a morte, sangrou até morrer, foi esfaqueada no ventre e depois no peito. O assassino a agarrava por trás e desferia seus golpes com a faca na parte da frente

do corpo dela, para não se sujar com o sangue de sua vítima. O sangue jorrou e empoçou na calçada estreita e no meio do lixo. Fabíola ficou caída ali, estrebuchando, agonizou no meio da lama formada por seu sangue e o lixo e não tardou a morrer. Baixinha, 1,58m, loira de pele clara, ficando gordinha e feia, tinha o cabelo louro armado, todo encaracolado, uma bela cabeleira loura encaracolada que se untou de sangue e de lama e de lixo.

O assassino se retirou limpando a lâmina ensanguentada da faca em trapos e papel velho que encontrava pelo caminho.

Tayná! E agora? O que vai ser de você, minha filha?

A menina de quatro anos soube que a mãe não ia voltar. E saía para as ruas de terra e ia procurar a mãe dela.

Chamava pela mãe. Chorava de manhã à noite, querendo a mãe. Os vizinhos cuidavam dela. Partia o coração ver a menina sair portão afora de uma casa, ao menor descuido das pessoas que cuidavam dela, e vagar pelas ruas, as lágrimas escorrendo de seus olhos, chamando tristemente a mãe. Uma menina de quatro anos.

Se a rua era grande demais para ela imagina o mundo.

* *

Na delegacia, os homens sensíveis sentiram-se duplamente chocados. Não era só uma questão de ter aumentado o número de vítimas de uma

para duas. Casos como este faziam com que os policiais logo pensassem em assassinatos em série, psicopatas assassinos à solta, maníacos. O significado mais profundo, e doloroso, disso é que com certeza haveria novas vítimas e a polícia sentia-se impotente para evitar que o assassino voltasse a matar, pois o suspeito continuava foragido. Cabia ainda a possibilidade de que o suspeito não fosse o assassino. E mais. Se ele assassinou estas duas jovens e fazia planos de matar outras mulheres em um futuro próximo, quantas não teria assassinado antes, sem que a polícia soubesse, sem que a polícia relacionasse os fatos?

- Vou fazer um levantamento – disse o delegado Glorius Mortillet, de 40 anos. – O mesmo indivíduo pode ter

assassinado outras mulheres encontradas mortas.

Mortillet achava-se em reunião com o detetive Lavelle Ottoni e os dois discutiam a nova situação que se apresentava. Ottoni não disse nada.

Eram dois homens sombrios. Com pouca vontade de falar. Mas precisavam conversar e traçar planos.

- Eu acho que nós devemos em princípio trabalhar com essa hipótese de que o suspeito do qual temos o retrato falado seja um maníaco, assassinou as duas prostitutas e vai matar outras. Como deve ter assassinado mais mulheres antes, sem que soubéssemos.

- Tem alguma ideia? – perguntou Ottoni, esforçando-se para falar, falar era um esforço penoso.

Ele se sentia tão arrasado. Aquelas duas garotas mortas,

barbaramente assassinadas, há poucos dias estavam ambas vivas, andando pelas ruas. Não deviam andar de noite pelas ruas.

- Já estamos procurando por ele há vários dias e não é encontrado – disse Mortillet, sempre sombrio, falando baixo, um pouco como se mascasse as palavras. – Vamos intensificar as buscas, vamos pôr mais homens nas ruas... eu acho que a situação se agravou. Todas aquelas moças infelizes correm risco de vida. Não podemos tirar todas das ruas. Mas eu pensei algo mais.

- O quê? – perguntou Lavelle.

- Nossas buscas estão muito restritas a essas áreas onde existe maior concentração de bordéis e prostituição de rua. O suspeito não precisa necessariamente residir nessa área. Não precisa andar por ela durante o dia. Pode

muito bem morar em outro bairro, e acho que mora. Vem para cá matar à noite e volta para a casa dele.

- Vamos ampliar as buscas?

- Vamos, sim. Vamos pôr mais homens nas ruas. E pedir mais esforço, mais empenho da parte deles, da parte de cada um deles. E de todos eles. Não quero que apareça outra moça morta.

Mortillet com certeza se referia a mais uma moça assassinada pelo suspeito ao qual caçavam. Em outros pontos da cidade outras moças seriam assassinadas por outros assassinos. Crianças, idosos, homens, todos eram vítimas, ontem, hoje e amanhã de bandidos assassinos nesta cidade que se tornava a cada dia mais violenta e sem lei.

O suspeito voltou a ser visto na zona de baixo meretrício naquela parte

da cidade. Mas nada se apurou. De início as informações não eram precisas. O suspeito foi visto de novo dentro de um bordel, olhando as mulheres e ninguém chamou a polícia? Também foi visto na rua, seguindo mulheres desacompanhadas, que poderiam ou não ser prostitutas. E também a polícia não foi avisada?

Mortillet ordenava a seus homens que apurassem todas as denúncias. Mas dava um desconto, suspeitava da imaginação de certas pessoas, muitas não faziam por mal, transtornadas pelos acontecimentos, como que viam fantasmas em toda parte. Outras, sim, faziam por mal. Um esporte muito difundido no país era ligar para a polícia dando informações sobre crimes que não estavam ocorrendo. E policiais que poderiam ser úteis em locais onde de

fato houvesse um crime iam perder tempo com os trotes. Estas pessoas, que se divertiam desta forma estúpida, aplicando trotes na polícia, eram elas mesmas estúpidas. A qualquer momento podiam ser vítimas da violência e corriam o risco de não haver um policial que as socorresse porque o policial de plantão foi tapeado por um trote. Estupidez.

Há muitos anos, um homem escreveu um livro intitulado "Breve introdução à história da estupidez humana". Era um calhamaço com quase 1000 páginas.

Nada se apurou. Suspeitos foram presos e interrogados, as prostitutas eram interrogadas e aconselhadas, tomem cuidado, meninas. Prostitutas eram como crianças. Não tinham muito juízo. Não seguiam as recomendações.

O suspeito do retrato falado não foi localizado e não foi preso. A polícia trabalhava também com a hipótese de que fosse outro o assassino e não se limitava a procurar por aquele suspeito em particular, se bem a maior parte das buscas se concentrava nele. Todavia investigava-se tudo, de maneira geral, tudo e a todos. Em princípio quase todos eram suspeitos.

E se fez o que se tinha de fazer. O delegado Mortillet enviou mais homens para as ruas e as buscas e investigações se estenderam a uma área maior da cidade, bairros vizinhos e até locais mais distantes. Ele podia estar em qualquer parte. Vinha a esta área fazer seu trabalho e voltava para casa. Onde era? Onde ele morava? Em qualquer lugar.

* *

Os bondes paravam na praça XV, mais adiante havia o Tabuleiro da Baiana, os bondinhos de Santa Teresa, os arcos da Lapa, a Lapa, de Madame Satã e tango argentino, a zona boêmia por excelência. Os dancings. A galeria Cruzeiro, o café Nice, o carnaval do povo na avenida Rio Branco, que já se chamou avenida Central. E a Cinelândia, de muitas épocas – mais da juventude em diante do que de quando era menino. A rua Alice. Hum. Nas Laranjeiras. Um belo de um puteiro na rua Alice.

A Cinelândia era cosmopolita, tinha de tudo. Paris devia ser assim, ele pensou algumas vezes. E ela sempre foi

assim, desde que ele a conhecia. Tinha o lugar mais luxuoso do Rio, o Teatro Municipal, onde se realizavam no tempo das vacas menos magras, e já os houve, os fantásticos bailes de gala do carnaval, milhões de dólares em fantasias inúteis. E era uma casa de espetáculos de música séria, música clássica, concertos, óperas. Um belo prédio. Câmara dos Vereadores e o Clube do Bola Preta, que ele achava que não existia mais, pelo menos ficou fora de moda, e era bem ao lado do Amarelinho, um bar. Mais lá adiante, na avenida Rio Branco, havia o Musel Nacional de Belas Artes, com telas de pintores célebres, artistas conhecidos no mundo todo, entidades míticas.

Podia-se dizer que o que mais havia eram camelôs – com o passar dos anos mais assaltantes do que camelôs, e com eles traficantes e mendigos.

Prostitutas pareciam permanecer estáveis ao longo dos anos, não mudavam, mesma quantidade, as mesmas prostitutas, algumas deram para se fantasiar de hippies, muitas contas no pescoço, balangandãs nos braços e nos tornozelos. Gigolôs, homossexuais, travestis, vigaristas aplicando o mesmo conto do vigário há meio século. Os incautos não mudaram muito. Os teatros de revista, em tempos idos, por toda a Cinelândia, com as vedetes, mulheres lindas com as pernas de fora, grande quantidade delas reunidas em um palco, vestidas de plumas, e mais tarde cinemas poeira que passavam filmes pornô. Hotéis de tolerância, bordéis legítimos ao lado de hotéis de luxo. Se a Cinelândia não fosse democrática e cosmopolita além de boêmia Paris

também não era. A Cinelândia era uma Cidade Luz em miniatura.

Havia uns bares com mesas na calçada, cobertas por toldos de lona. Um desses bares chamava-se Amarelinho – uma tradição carioca, grandes bebedores de chope frequentavam o Amarelinho. O chope é amarelinho. Ele sentou no bar ao lado do Amarelinho. Desde há muitos anos ele bebia naqueles bares, gostava desses bares com mesas na calçada para ficar vendo as mulheres que passavam.

Hoje esperava uma mulher. Era sua filha. Seu humor ficou razoável e resolveu ordenar uma pizza mussarela para acompanhar o chope. E lá estava ele tomando chope e comendo pizza mussarela e admirando as mocinhas japonesas, algumas bem bonitas, que vinham muito pertinho das nossas mesas oferecer bugigangas, uma variedade de

objetos pequenos coloridos, umas quinquilharias, muitas eletrônicas. Estas peças estavam à venda, elas não davam de graça. Ele não se interessou por nenhum desses apetrechos. Mas achou atraentes muitas das jovens japonesas. Seria interessante se as miudezas vendessem as japonesas.

A filha dele chegou. Tinha 30 anos, dois filhos, começava a engordar por causa de problemas com a glândula tireoide. E em menina era tão magrinha, tão esbelta e elegante, e seu pai não só a amava como admirava a perfeição de suas formas, delicada como uma pluma e de rosto bonito. Era a alegria da vida. Depois ela cresceu e ele se desinteressou de quase tudo.

Hoje eles tinham negócios.

- Eu gosto de pizza – disse o pai.

- Eu também gosto – disse a filha.

- Vou pedir uma para você. Quer chope?

- É, pode ser. Por que não?

E a filha e o pai tomaram chope e comeram pizza na companhia um do outro. Eles iam se levantar daí a pouco e iam a algum lugar fazer alguma coisa. Foi um encontro de negócios.

Fossem o que fossem os negócios entre a filha e o pai se resolveram. Isso foi no final do dia, a filha saiu do emprego e foi se encontrar com o pai na Cinelândia. Comeram pizza, beberam chope, conversaram, confraternizaram e relembraram os velhos tempos além de tratar de negócios – velhos tempos para Rose Marie foi ontem. Um dia Rose Marie foi uma menina linda de quatro anos, a quem ele

adorava, recordou o velho pai. Ela cresceu e eles se afastaram. E o pai pagou a conta e se levantaram da mesa e a filha e o pai foram resolver os negócios.

Negócios resolvidos, aquele homem gostava de beber chope, um pouco mais tarde, por volta de nove horas da noite, já tendo se despedido da filha, ele retornou sozinho ao mesmo bar e ocupou uma mesa próxima à que se sentaram sua filha e ele pouco antes. E ele ficou olhando aquela mesa e evocando a filha. Recomeçou a beber chope. Não quis mais saber de pizza. E começou a se sentir deprimido. Ele sentia solidão e a solidão o deprimia.

* *

A prostituta se chamava Ana Leoa e o travesti, Reginaldo – mas ela, o travesti, ou traveco, gostava que a chamassem de Suely com ípsilon. Os travestis costumam ser um pouco egocêntricos, além de vaidosos e fúteis, falam e gesticulam muito, se preocupam muito consigo mesmos e há quem diga que andam com tapolhos e são mais egocêntricos do que o comum das pessoas. Supõe-se que haja um problema com a autoestima deles. Já as prostitutas, sob esse aspecto, são como todas as outras pessoas do mundo, umas mais outras menos, seja qual for a característica que se ponha sob estudo. Ana Leoa era uma mulher magrinha e observadora. Ouvia com atenção Suely mas gostava de observar o movimento ao

seu redor. E ela estacou de súbito, segurando o braço de Suely.

- Que foi? – perguntou Suely. E, nos modos exagerados dos travestis: - Nossa, menina! – Desmunhecando. – Você está pálida, minha santa, empalideceu de repente. Até parece que viu um fantasma...

- Cala a boca – replicou Ana Leoa, séria. – E não olha para onde eu estou olhando. Também vou parar de olhar. – Ana Leoa parou de olhar para onde olhava.

- Pintou alguém que quer te pegar, não é? Pintou sujeira – desconfiou Suely. – Esses porcos. A vida é uma lama, minha filha! – e quase fez uma pirueta.

- De certo modo ele quer me pegar sim, porque pega prostitutas.

- Quem...?

- É o cara do retrato falado. Tenho certeza que é ele. – Ana Leoa empalideceu e ficou nervosa, ao ver o que via, ou o indivíduo a quem via. – Dizem que ele matou duas prostitutas.

- Meu Deus.

- Chama a polícia – disse Ana Leoa. – Saí por aí procurando, deve haver um PM em algum lugar. E deixa de ser espalhafatosa. Se afasta de mim com naturalidade. Acha um PM e conta que esse assassino está sentado numa mesa naquele bar.

- E você?

- Vou ficar e vigiar. Se ele levantar eu vou atrás dele.

- E como a polícia vai achar vocês?

- Vai logo. Não perde tempo. Antes que ele levante.

- Toma cuidado, Ana. Tenha dó.

- Vai. Anda logo.

O travesti Reginaldo se afastou de Ana Leoa e ela ficou vigiando o indivíduo sentado a uma mesa em um bar próximo. Ele não dava a entender que iria se levantar nos próximos instantes, bebia chope, o copo dele estava quase cheio, notou Ana Leoa, e se sentiu relativamente tranquila quanto a isso. Tinha certeza que era o assassino do retrato falado da polícia. E não podia se sentir verdadeiramente tranquila tão perto de um assassino. Um assassino de mulheres, parecia que ele só assassinava mulheres. Talvez só assassinasse prostitutas. A polícia falou em duas, mas quantas ele já tinha matado? Quantas matou antes?

Reginaldo também ficou nervoso com o que ouviu e deixou de lado as macaquices próprias de travestis.

Encontrou o que procurava, um soldado PM.

- Seu guarda...

- E aí, garotona? – disse o PM, bem-humorado.

- Eu estou com uma amiga naquele bar lá atrás – informou Reginaldo, sério. – Ela me disse que viu o assassino do retrato falado sentado numa mesa naquele bar. Um cara que matou duas prostitutas. Ela disse que tem certeza que é ele.

O PM só hesitou por um momento.

- Não tá me tirando não, tá, sua vadia? – perguntou.

- Claro que não. Meu nome é Reginaldo.

E ele não vacilou mais. Entrou em ação. O PM se comunicou com seus companheiros por um pequeno aparelho

de rádio portátil que nem todos os policiais tinham e informou o que se passava.

- Há um suspeito. Sentado numa mesa no bar pegado ao Amarelinho. Bebendo chope.

- Suspeito de quê? – veio a pergunta.

- Parece que é o suspeito do retrato falado. Ele mata prostitutas. Matou ao menos duas até agora.

Quatro PMs se reuniram e, levando Reginaldo, se dirigiram ao bar junto ao Amarelinho, na Cinelândia, no Centro, na cidade do Rio de Janeiro. Observaram o bar e imediações.

- Minha amiga é aquela – indicou Reginaldo. – Ela se chama Ana.

Ana observou a chegada discreta da PM. Só um soldado PM se destacou

dos companheiros, que também não se juntavam muito, e se aproximou dela.

- Seu amigo Reginaldo chamou a polícia – disse o PM. – Aponta o suspeito.

- Como vou apontar? – desconcertou-se Ana, temendo que o suspeito a visse apontar para ele.

- Aponta com os olhos. Descreve.

- Ele está sentado sozinho numa mesa da frente bem do lado de lá. Bebe chope. Veste calça jeans e camiseta de malha branca sem gola. Magro. Cabelo preto, grisalho. Estou olhando na direção dele. Acho que ele não está me vendo não. Nem sabe que a polícia chegou.

- Já estou sabendo quem é – disse o PM.

- Não é o cara do retrato falado?